

CRÔNICA: DO GÊNERO LITERÁRIO TUPINIQUIM À TERRA DA LUZ

Maria Lílian Martins de Abreu

“O Ceará não para, o Ceará não cansa.”¹.

Falar da crônica cearense não é tarefa fácil, mas não por falta de cultores do dileto gênero. Aliás, no Ceará, só o que não falta são bons e numerosos cronistas. Tão grande é a verdade, que os exportamos para o restante do país ao longo dos séculos. Alguns, sem dúvida, chegam a alumi- ar as letras nacionais com toda a resplandecência característica da Terra da Luz e de seus incontestáveis talentos, reconhecidamente destacados em todo o território brasileiro, e mesmo em países do exterior, como José de Alencar, o consolidador da crônica no Brasil, e Rachel de Queiroz, a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, apenas para citar estes dois importantes cronistas dos séculos XIX, XX e XXI, respectivamente. Por falar em Alencar, não é de estranhar que o estado em que primeiro surgiu uma academia de Letras - a Academia Cearense de Letras, em 1894 - fosse pioneiro também em tantos outros momentos quando o assunto é literatura. Neste sentido, não é por acaso que será o cearense José de Alencar quem cumprirá o papel de consolidar a crônica no país e dar os traços de tropicalidade ao gênero importado da França, distinguindo-o definitivamente da matéria jornalística.

Por outro lado, este que já nos seria motivo mais que incentivador a um estudo vigoroso e de grande fôlego sobre a crônica no Ceará parece não surtir efeito algum junto aos nossos pesquisadores e ensaístas, pois ainda falta-nos material bibliográfico específico sobre o tema. Afora alguns trabalhos sobre este ou aquele escritor, também cronista, não existe uma publicação exclusiva sobre o gênero, no Ceará, em que se destaque seu percurso histórico na Terra da Luz, as publicações originárias, os autores mais relevantes, entre outros aspectos. O que torna esta tentativa de

¹ Trecho da crônica do escritor Valentim Magalhães publicada na coluna “Semana Literária” do jornal *Gazeta de Notícias* em 1895.

princípios uma organização geral sobre o assunto ainda mais laboriosa e fatalmente passível do surgimento de equívocos. Apesar disto, atrevo-me a expor alguns elementos gerais sobre a crônica cearense de forma a somar esforços para as pesquisas sobre o gênero.

Crônica?! No Ceará tem disso sim!

A princípio, os primeiros registros de produção literária no Ceará nos surgem, tardiamente, em meados de 1813, quando em Fortaleza um grupo de poetas se reunia em torno do Cel. Manuel Inácio de Sampaio, à época governador da Província. A eles fora dado o nome de *Oiteiros*, grupo considerado precursor das Letras cearenses cuja duração data por volta de 1813 a 1817. Faziam parte d'Os Oiteiros nomes como: Pacheco Espinosa; Castro e Silva; Costa Barros; Manuel Correia Leal e o padre Lino José Gonçalves.

Embora, a 17 de julho de 1870, tenha surgido a *Fênix Estudantal*, segundo Dolor Barreira, “a primeira associação literária propriamente dita que o Ceará possuiu” (1948), o pesquisador, em sua *História da Literatura Cearense*, traz a citação de Cruz Filho que afirma ter sido somente em 1872 que “se iniciou na Província a vida propriamente literária”. A data, segundo o Barão de Studart (1872), marca o início das atividades da *Academia Francesa* (1873-1875), agremiação surgida em reação ao sentimentalismo romântico e difusora das ideias filosóficas francesas no Ceará. Entretanto, o pesquisador Sânzio de Azevedo, maior e principal referência sobre os estudos de Literatura Cearense no país, discorda desse marco inicial da agremiação, esclarecendo seguir o historiador José Aurélio Saraiva Câmara, que apresenta “como data inaugural do movimento o ano de 1873, em que começou a circular o jornal *Fraternidade* e que serviria de arena de combate dos jovens pensadores”. (AZEVEDO, 1976, p.71)

O periódico maçon *Fraternidade* será o veículo precursor do gênero crônica no Ceará, em virtude, sobretudo, do trabalho do jornalista João Brígido, citado por Rodrigues de Carvalho em seu ensaio “O Ceará Litterario, N'estes ultimos dez annos”, publicado na *Revista da Academia Cearense* em 1899, como “operoso escriptor”, em que se destacam-se suas “Analyse de vultos e factos, elucidarios, biographias celebres, chronicas

historicas, [...] capítulos que o projecto jornalista tem dado a estampa”. (*Revista da Academia Cearense*, p.178) Mas, é com a publicação da revista *A Quinzena* (1887-1888) que a crônica literária se estabelece no Ceará. O periódico é fruto do *Clube Literário* (1886-1888), agremiação “responsável pelo surgimento de alguns dos maiores nomes da literatura no Ceará”. (AZEVEDO, 1976, p. 90) Para o Barão de Studart, “o Clube Literário foi o renascimento literário do Ceará”. Fundado em 1886 por João Lopes, o Clube reunia: Antônio Bezerra; Justiniano de Serpa; Oliveira Paiva; Antônio Sales; Rodolfo Teófilo; Farias Brito; Xavier de Castro; José Carlos Júnior e o “patriarca de nossa poesia” Juvenal Galeno, autor do primeiro livro de contos do Ceará, intitulado *Cenas Populares* de 1871. (AZEVEDO, 1976, p. 90)

Cenas Populares [...] é lançado em 1871 em sua tipografia particular, a do Comércio, na Praça do Ferreira, sendo, provavelmente o primeiro autor no Ceará a publicar as suas próprias obras, o que faria futuramente o Barão de Studart. Na sua Tipografia do Comércio, Galeno imprimiria as suas *Canções da Escola*, obra destinada ao público infantil, sendo assim também ele pioneiro em publicação (e em versos) para crianças no Ceará. (NETTO, 2014, p.61)

A Quinzena era impressa nas oficinas do jornal *Libertador*, fundado a 1º de janeiro de 1881, e, embora de vida breve com apenas 30 números, de 15 de janeiro de 1887 a 10 de junho de 1888, foi a maior e mais importante publicação do gênero em sua época.

A sociedade teria um órgão de imprensa, *A Quinzena*, que seria impresso nas oficinas do jornal *Libertador*, e cujo primeiro número, de oito páginas, é de 15 de janeiro de 1887, e traz a produção de Juvenal Galeno, Paulino Nogueira, Virgílio Brandão, J. de Serpa e “Gil Bert” (pseudônimo de Oliveira Paiva). As reuniões do Clube aconteciam na Rua Senador Pompeu, e, posteriormente, na Rua Major Facundo, sede da redação de *A Quinzena*. (NETTO, 2014, p.77)

Neste periódico, aparece a crônica pela pena do escritor e político João Lopes, autor da coluna “Os Quinze Dias”, onde publicava os comentários da quinzena transcorrida “em estilo inalteradamente dúctil, movimentado, fluente e pitoresco”. (LINHARES, 1948, p. 203).

Os treze dias teria eu escripto, si não fosse o receio de tomar por epigraphe um numero fatal, condemnado pela credence popular, a boa e ingenua credence que encantou a infancia de todos nós. O mês de fevereiro tem mais isso de original – os chronistas tem menos motivo ou pretexto para caceteações mais ou menos puxadas e os assignantes de jornaes e periódicos correm menos risco de ingerir pelos olhos o soporífero de uma resenha completa de 30 ou 31 dias, como lhes succede 11 vezes no anno, pelo menos². (LOPES, 1984, p.28)

João Lopes ainda iria escrever suas crônicas nos jornais *O Estado do Ceará*, *A República* e ainda em *O Jornalzinho*, órgão literário e satírico, fundado em 1882, e *O Domingo*, folha literária, crítica e científica, surgida no Ceará em 1888, cuja redação ficava na rua Senador Pompeu nº 166.

Fez também parte d'A *Quinzena* o escritor Oliveira Paiva, embora reconhecidamente romancista, “escreveu ainda [...] algumas crônicas e poemas”. (MACIEL, 2008, p.13) Dentre as crônicas de Oliveira Paiva, segue trecho de “As conferências do Clube Literário”, publicada a 31 de julho de 1887, no número 14 d'A *Quinzena*:

Por que meio haveremos nós, bemfazejas serpentes do Paraíso, tentar a estes nossos patrícios, que vieram, para ahi, quaes Adões chronicos, a innocente vida vegetativa? Ser-nos-á preciso uma arvore e um pomo. A arvore é a tribuna e a imprensa; o pomo é a palavra dirigida á parte feminina do ser. Todos nós, mesmo na maturidade, temos um quê de creança e de que mulher, e feliz d'aquelle que, ao másculo de homem voluntarioso, reúne aquellas duas doçuras. [...] Para ser nobre é preciso saber sentir. (PAIVA, 1984, p. 105)

Oliveira Paiva é também autor de crônicas no jornal *O Libertador* (1881-1892), conforme esclarece o Barão de Studart, em seu *Dicionário Biobibliográfico Cearense*, “De collaboração com João Lopes e Antonio Martins escreveu *A Semana*, chronica que *O Libertador* publicava aos sabbados, assignada por Gil, Pery & C.a”. Sendo assim “Oliveira Paiva (Gil Bert), Antônio Martins (Pery) e João Lopes constituíam a firma Gil, Pery & Cia”. (AZEVEDO, 1976, p.10).

² Trecho da primeira crônica escrita pelo jornalista João Lopes na revista *A Quinzena*, publicada em 1887.

Rolando Morel Pinto, pesquisador do autor cearense, em *Manuel de Oliveira Paiva: Obra Completa*, inclui como produção do cronista Oliveira Paiva: “Conclave na Botica”; “O Novo Horizonte”; “A Liberdade de imprensa”; “A Libertadora” e “Conto Diabólico: O Nada”, todas publicadas em 1884, no jornal *O Libertador*. Com isso, Rolando Morel Pinto não distingue a crônica do artigo de opinião produzido por Oliveira Paiva no referido periódico. Alfredo Bosi, por sua vez, em sua *História Concisa da Literatura Brasileira*, não se refere ao cronista Oliveira Paiva, mas somente ao romancista:

O Ceará conta com prosadores que honram a tradição do romance naturalista que lá conheceu o alto exemplo de Oliveira Paiva e Domingos Olímpio, sem falar nos pais da literatura regional brasileira, Alencar e Franklin Távora. Depois de Raquel de Queiroz, lembro Fran Martins, que escreveu contos (Manipueira, 1934; Noite Feliz, 1946; Mar Oceano, 1948) e romances (Ponta de Rua, 1937; Poço dos Paus, 1938; Estrêla do Pastor, 1942; O Cruzeiro tem Cinco Estrêlas, 1950), Braga Montenegro (Uma Chama ao Vento, 1946) e João Clímaco Bezerra (Não Há Estrêlas no Céu, 1948; Sol Pôsto, 1952). (BOSI, 1994, 478-479)

Segundo Sânzio de Azevedo, sobre a produção cronística “no Ceará é justo recordar ‘Os Quinze Dias’, de João Lopes, n’ *A Quinzena*, órgão do Clube Literário, em 1887. Com o mesmo título, a crônica de abertura do jornal *O Pão*, da Padaria Espiritual, em 1895 e 96, redigida por Antônio Sales e, eventualmente, por Valdemiro Cavalcante, José Carlos Júnior, José Carvalho, Carlos Vítor e Artur Teófilo”. (AZEVEDO, 2006, p. 223) Em consonância com o crítico cearense, eis trecho da crônica do padeiro “Moacyr Jurema”, nome de guerra do escritor Antônio de Sales, da seção intitulada: “Os Quinze Dias”, publicada a 15 de janeiro de 1895, no jornal *O Pão*, número 8, ano II:

Maldito Perú, o que Anatolio nos collocou em frente no primeiro dia d’este anno. Rescendia o perfido que era um prazer só aspirar-lhe o odor aperitivo: senti a mucosa do estomago contrahir-se em ancias pantagruelicas... e quem pudera resistir àquella tentação? Compreendi então o martyrio de Eva e o seu enorme peccado. Impulsão monstruosa me arrastava ao fructo prohibido symbolisado

na meza do Anatolio por aquella ave recheada. Cahi na tentação e lá se foi esophago abaixo, o maldito, accordar a minha hepatite adormecida. E não houve *bourgogne* ou *bordeaux* que regasse aquella culpa, tão grande que ainda me faz estupidamente encher uma tira de papel, occupando me com a ave mais estúpida da creação. É que para mim o paraizo do bom humor está perdido.

Ah!... a chronica!...

Registremos antes de tudo o bom acolhimento que o publico, sempre respeitável, dispensou a *O Pão*, que d'esta vez excedeu em tamanho, peso e massa a todos os pães do mercado.

O Pão era o jornal da “mais original de todas as agremiações culturais do Ceará” (AZEVEDO, 2010, p.10), a Padaria Espiritual (1892-1898), que, embora tivesse esse título, não tinha nenhuma relação com o plano espiritual, doutrinário ou religioso. Fundada a 30 de maio de 1892, na rua Formosa, nº105, a agremiação “de rapazes de Letras e Artes” foi idealizada por Antônio Sales. O escritor natural de Parazinho, atual Paracuru, município do litoral cearense, desejoso por algo novo e revolucionário em sua Província, utilizou todo o seu bom humor característico e criou o grêmio que, como “padaria propunha-se produzir o pão do espírito. Seus sócios eram chamados de ‘padeiros’, sendo Padeiro-Mor o presidente, Primeiro-Forneiro o secretário, e ‘amassadores’ os demais sócios. Como era de se esperar, intitulou-se *O Pão* o órgão da entidade na imprensa. ‘Forno’ era o local das sessões que, por sua vez, se denominavam ‘fornadas’”. (AZEVEDO, 1976, p.151) Essas diretrizes da nova agremiação estavam redigidas no seu “Programa de Instalação”, “cheio de humor e novidade, que explode como uma bomba e repercute até no Rio de Janeiro” (AZEVEDO, 2010, p.11), sobretudo, no periódico *Jornal do Comércio* que lhe publicou quase todos os artigos. Importantes literatos também acusaram o recebimento dos Estatutos da Padaria Espiritual, conforme é evidenciado em mensagem do jurista Clóvis Beviláqua ao escritor Antônio Sales:

Agradeço-lhe cordialmente a remessa dos Estatutos da Padaria Espiritual e afirmo-lhe que estou pronto a concorrer para o desenvolvimento dessa inteligente associação, cujo nascimento anuncia as fosforescências de um espírito fino e causticante. Brevemente farei a remessa das obras e folhetos que tenho publicado. Do patricio e amigo. (BÓIA, 1984, p. 116)

Em 1894, dois padeiros, Temístocles Machado e Álvaro Martins, rompem com a Padaria Espiritual e criam o *Centro Literário* (1894-1904). O novo grêmio manteria a revista *Iracema*, criada em abril de 1895, durante apenas um ano. Integrava a agremiação e também o Instituto Histórico do Ceará, a escritora Alba Valdez, autora do livro *Em Sonho*, de crônicas e contos, publicado na virada do século, em 1901.

Ainda em 1894, é fundada a Academia Cearense de Letras, inicialmente com 27 cadeiras, a mais antiga academia de Letras do país e em atividade até os dias atuais. Em 1922, sofreu reorganização, aumentando o seu número de integrantes para 40. Mais tarde, passaria ainda por mais duas reorganizações em 1930 e 1951. A instituição mantinha, de 1896 a 1914, a sua *Revista da Academia Cearense*. Ao longo dos seus 19 tomos, foram publicados artigos não somente literários, mas também de História, Medicina, Geografia, Folclore, Botânica, Filosofia, Direito, Filologia e Política. Em 1930, quando da sua segunda reorganização, a academia retorna a publicação da sua *Revista* permanecendo em atividade até os nossos dias. Dentre os patronos da agremiação, destacam-se os cronistas: Ulisses Pennafort, Rodolfo Teófilo e José Sombra. Quando da segunda reorganização da academia, passaram a ela pertencer os cronistas: Mozart Firmeza e Teodoro Cabral, tendo o último uma coluna no periódico *Gazeta de Notícias*, de Fortaleza, mantinha seção diária “Ecos e Fatos”, sob o pseudônimo de “Polibio”.

Braga Montenegro, em seu ensaio *Evolução e natureza do conto cearense*, considera Franklin Távora, cearense natural de Baturité, como sendo o segundo contista cearense, na ordem cronológica. Essa é uma afirmação questionada pelo crítico Sânzio de Azevedo, conforme clarifica Nilto Maciel: “Sânzio não o considera escritor cearense, mas ‘nacional ou, quando muito, pernambucano’”. (MACIEL, 2008, p. 12)

Em 1878, Franklin Távora publica o romance *O Matuto* e, em 1881, *Lourenço* ambos traziam como subtítulo “crônica pernambucana”. As obras, juntamente com *O Cabeleira* (1876) e *Um casamento no Arrabalde* (1869), formam a série: “Literatura do Norte”, projeto do autor a favor do regionalismo literário, conforme elucidada na carta-prefácio de *O Cabeleira*:

Início esta série de composições literárias, para não dizer estudos históricos, com *O Cabeleira*, que pertence a Pernambuco, objeto de legítimo orgulho para ti, e de

profunda admiração para todos os que têm a fortuna de conhecer essa refulgente estrela da constelação brasileira. Tais estudos, meu amigo, não se limitarão somente aos tipos notáveis e aos costumes da grande e gloriosa província, onde tiveste o berço.

Pará e Amazonas, que não me são de todo desconhecidas; Ceará torrão do meu nascimento; todo o Norte enfim, se Deus ajudar, virá a figurar nestes escritos, que não se destinam a alcançar outro fim senão mostrar aos que não a conhecem, ou por falso juízo a desprezam, a rica mina das tradições e crônicas das nossas províncias setentrionais. (TÁVORA, 1973, p. 22)

Embora tenham como subtítulo “crônica pernambucana”, os livros *O Matuto e Lourenço* em nada podem ser considerados representantes do gênero crônica em razão da sua proposta estética ser o romance inspirado nas lendas e tradições pernambucanas.³ Além disso, segundo Sânzio de Azevedo, o autor, apesar de nascido no Ceará, não é considerado representante da Literatura Cearense, como bem explicita Nilto Maciel em seu livro *Contistas do Ceará* (2008), pois para Azevedo, o autor “partiu daqui ainda criança, indo residir em Pernambuco, e (além de seu desconhecido romance *Os índios do Jaguaribe*) nada produziu que se relacione ao menos com a terra natal”. (AZEVEDO, 1976, p.16)

Faz-se importante ainda mencionar algumas considerações sobre os periódicos do século XIX para que entendamos a dinâmica do jornalismo e da imprensa cearenses. Estes veículos jornalísticos são os primeiros espaços para a manifestação cronística no Ceará, embora possuam algumas distinções em comparação ao restante do país quanto ao seu projeto gráfico, em especial, no que se refere à seção “gazetilha”, que não aparece mais ao fim da primeira página, mas preserva-se seu caráter inicial de frivolidades e dicas de saúde e beleza como no *Libertador* (1888-1892), percebendo-se ainda, neste mesmo periódico, a presença da seção “Folhetim”, na qual eram publicados não apenas romances, mas também contos.

Sobre este tema vale lembrar o surgimento do primeiro jornal cearense, o *Diário do Governo do Ceará*, cuja criação data de 1º de abril de 1824, por iniciativa do sacerdote Gonçalo Inácio de Loyola Albuquerque

³ O vocábulo crônica, no caso em questão, deve carregar a acepção de relato, fugindo ao enquadramento genérico.

e Mello, popularmente conhecido por Padre Mororó. Considerado o primeiro jornalista cearense, foi o Pe. Mororó morto em 1825, ano seguinte à criação do seu periódico, devido à participação na revolucionária Confederação do Equador. Mas é de 1849 o primeiro jornal dedicado exclusivamente à literatura no Ceará. Impresso nas oficinas tipográficas Pedro II, o periódico chamava-se *Sempre-Viva* e tinha como criadores e redatores Gustavo Gurgulino e o poeta Juvenal Galeno, que, à época, tinha apenas 13 anos de idade.

É considerada a mais antiga publicação em atividade no Ceará a *Revista do Instituto do Ceará* cujo primeiro número data de 24 de março de 1887. É nesse veículo que, em 1891, Guilherme Studart, o Barão de Studart, publica suas famosas “Seiscentas Datas para a Chronica do Ceará na 2º metade do século XVIII”, o documento, notadamente se refere à crônica histórica, e é um importante compêndio para os estudos de linguística, antropologia, história e sociologia ainda nos dias atuais.

Dentre os destacados periódicos cearenses, é importante citar *O Almanaque do Ceará* surgido ainda em 1870, mas que, o qual, quando da sua mudança para *Almanaque Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará*, em 1895, passou a contar com a contribuição dos escritores Juvenal Galeno, Sabino Batista, Antônio de Castro, Lopes Filho, José Carvalho e, posteriormente, dos cronistas Álvaro Martins, Paulo Ximenes Aragão, Rachel de Queiroz e José Sombra.

No começo do século XX, entre os anos de 1907 e 1908, um importante escritor cearense destacava-se por sua atuação no jornalismo brasileiro, Américo Facó. No *Jornal do Ceará*, de Fortaleza, contribuiu, nesse período, juntamente com o cronista Jacy Ubirajara.

Conheci em outros tempos um incorrigível bohemio, irrequieto, provocador e ás vezes inconveniente, que, quando se lhe admoestava para que não desse escandalos em publico, respondia invariavelmente, em altas vozes, onde quer que estivesse, affrontando á seriedade e snobismos de respeitaveis burguezes, á impafia e rutilancia de espalhatosos *rastaquos ères: O povo é burro!*⁴

Américo Facó foi também diretor de literatura da revista *Fon Fon* e o

⁴ Trecho da crônica de Jacy Ubirajara, publicada no *Jornal do Ceará*, a 27 de março de 1907.

primeiro a publicar um texto da escritora Clarice Lispector, o conto “Triunfo”, em 25 de maio de 1940, na revista *Pan*.

Em 1924, Demócrito Rocha lança a sua revista *Ceará Ilustrado*, criando, também, o concurso de eleição do “Príncipe dos Poetas Cearenses”, cujo primeiro vencedor foi o padre Antônio Tomás. Seriam eleitos posteriormente Cruz Filho e Jáder de Carvalho, em 1963 e 1974, respectivamente. Em 1985, foi eleito o atual príncipe, o pacatubano Artur Eduardo Benevides. A publicação não deve ser confundida com a Revista do século anterior *O Ceará’ Ilustrado*, criada em 20 de janeiro de 1894 por Antônio Papi Júnior, Pedro Muniz e José Olímpio, em que se destaca a produção crônística de Papi Júnior, conforme podemos observar em trecho de sua crônica publicada, no referido periódico, em 12 de junho de 1894:

É preciso ter profunda convicção e audacia estoica e petulante para poder vir dizer aqui, em letra de forma, esta verdade inconcussa e estranha - O Ceará inunda-se!... Pasmosa irrisão essa que a própria Natureza atira sobre nós com o *tic* escarninho e malicioso de quem procura, comprasendo-se, fazer mal a seu semelhante, simplesmente pelo gosto que tem de o fazer. Tempos de nevroses, - e ahí temos a Natureza, sadia e robusta, atacada de histerismos, desfeita em espasmos, soluçando golfadas de águas bastas, inoportunas e despropositais. (PAPI JUNIOR, 1894, p.1)

Em 1928, o irrequieto Demócrito Rocha lançou o “jornal das multidões”, *O Povo*, mais antigo jornal em atividade no Ceará. Rachel de Queiroz afirmaria mais tarde: “Acho que nunca, em Fortaleza, um jornal novo tivera êxito assim fulminante. E *O Povo* era Demócrito, Demócrito que o fazia todo, com a ajuda entusiástica e solitária de Paulo Sarasate.”⁵

De fato, O POVO, ao contrário dos dias atuais, surgia em meio a diversos jornais concorrentes, mas rapidamente firmou-se, sendo hoje, dentre eles, o único existente. A sua sede situava-se num sobradinho na praça dos Leões, o de número 158. A tiragem, a 200 réis o exemplar, rapidamente se esgotava. O motivo, todos sabiam, a coluna de Demócrito, “Nota”, continuação do sucesso de sua também “Nota do

⁵ QUEIROZ, Rachel de. Prefácio de. SARASATE, Paulo. *O Rio Jaguaribe é uma Artéria Aberta*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1968, p.18.

Dia”, que escrevia anteriormente em *O Ceará*, jornal de Ibiapina. Mais tarde, assinando como “Barão de Almofala”, pseudônimo usado na época de *O Ceará*, abriu a coluna de Grafologia de *O POVO*, que fez grande sucesso entre leitores⁶.

No ano seguinte à sua fundação, o periódico lança o suplemento literário, *Maracajá*, revista destinada “a pregar o modernismo pelas terras nordes-tinas, e nele todos nós desferimos voo, convencidos de que fazer modernismo era escrever regionalismo, com grande gasto de índios, antas, cocares e mais brasilidades, em frases de três palavras”. (QUEIROZ, 1968, p.18)

Em dezembro de 1946, circula em Fortaleza a *Revista Clã* de número zero marcando, assim, a cultura cearense até 1988, data de sua última publicação. O termo “Clã” surgiu das iniciais do “Clube de Literatura e Arte” que, posteriormente, passou a se chamar “Clube de Literatura e Arte Moderna”, com a sigla Clam passando, depois, a se grifar com o acento til como conhecemos hoje: Clã. A sua tiragem e frequência não foi regular, muitos hiatos temporais aconteceram entre uma edição e outra em virtude, sobretudo, da falta de recursos e apoio para a manutenção do periódico. Entretanto, esse fato em nada desmerece a contribuição literária e artística que a *Revista Clã* proporcionou às letras nacionais, notadamente, às cearenses, veículo que foi do grupo homônimo, considerado pela crítica como a mais importante das agremiações literárias do modernismo cearense, sendo inclusive responsável por sua consolidação, que, no Ceará, tem seu marco inicial na publicação de *O Canto Novo da Raça*, em 1927, de autoria dos poetas Jáder de Carvalho, Franklin Nascimento, Sidney Neto e Mozart Firmeza que, mais tarde, colaborariam, também, nos suplementos literários *Maracajá* (1929) encartado, em dois números, no jornal *O Povo e Cipó de Fogo* (1931), publicação independente dos escritores Mário Sobreira de Andrade, João Jacques e Heitor Marçal, segundo Filgueiras Lima: “Apesar de apresentar características mais revolucionárias, talvez futuristas, a segunda revista não obteve o sucesso da primeira [Maracajá⁷].” (LIMA, 1945, p.189)

⁶ Trecho da crônica: “O POVO: 85 anos presente no Ceará III”, de autoria do escritor Raymundo Netto, publicada a 20 de fevereiro de 2013 no jornal *O Povo*.

⁷ A revista *Maracajá* é citada a título de esclarecimento ao leitor .

Originária do grupo “de Clã” como insistia o poeta Otacílio Colares, ou simplesmente grupo Clã, a revista *Clã* teve Fran Martins como seu diretor, a partir da sua edição número um. Eis trecho do prefácio da edição número zero que, como bem nos diz seu título, é uma “explicação deste número” (1946, p.1):

Clã não é apenas uma revista de literatura. É, antes, uma revista de todo o Ceará mental, Aqui, na medida do possível, recolheremos o trabalho dos nossos homens de letras e de pensamento, pois a pretensão que nos anima é sermos porta de saída da melhor produção intelectual da gente cearense, de tal modo que ela possa aparecer lá fora, nítida na sua pureza, numa demonstração convincente de que a gloriosa Província de Alencar continua a viver, a se agitar, na procura sempre insatisfeita de rumos novos para a cultura brasileira⁸.

As edições juntas somam 30 números que vão do zero ao 29. A previsão da revista era ser uma publicação trimestral, sempre nos meses de outubro, janeiro, abril e julho, mas “motivos superiores, entretanto, forçaram os integrantes do grupo a adiar a data da sua publicação”. (MORAES, 2004, p.22) Assim, surge o número zero do periódico “em caráter de mostra e apresentação de Clã, [...] e ratifica o compromisso que o grupo assumiu com os seus colaboradores e anunciantes”. (MORAES, 2004, p.22) Participaram da *Revista Clã*: Aluizio Medeiros; Antônio Girão Barroso; Antônio Martins Filho; Arthur Eduardo Benevides; Braga Montenegro; Eduardo Campos; Fran Martins; Joaquim Alves; João Clímaco Bezerra; José Stênio Lopes; Lúcia Fernandes Martins; Milton Dias; Moreira Campos; Joaquim Alves; João Clímaco Bezerra; José Stênio Lopes; Lúcia Fernandes Martins; Milton Dias; Moreira Campos; Mozart Soriano Aderaldo e Otacílio Colares, aos quais se juntaram, posteriormente, os nomes de Cláudio Martins, Durval Aires e Pedro Paulo Montenegro.

Sobre a produção cronística do periódico, destaca-se, por excelência, o nome de Milton Dias (1919-1983). Para a pesquisadora Vera Lúcia Moraes, Milton Dias era um “cronista hebdomadário, ele conseguia um

⁸ Assinam o prefácio os escritores Antônio Girão Barroso, Aluizio Medeiros e João Clímaco Bezerra, publicado na edição número zero da revista *Clã* em dezembro de 1946.

equilíbrio notável na feitura de suas crônicas, não se limitando a apreciar superficialmente os fatos focalizados. À medida que descreve esses fatos acontecendo, ele aprofunda os tipos e situações, apresentando os seus casos com uma leveza típica desse gênero literário”. (MORAES, 2004, p. 105) Eis trecho da crônica, do autor natural do município de Ipu, publicada na revista *Clã*, número 24, intitulada: “Eu, pecador da Literatura”:

Na verdade, não sou mais do que um cronista que surpreende o cotidiano e o traz para a fôlha do jornal, de duração tão rápida. Não sou mais do que um sertanejo carregado de lembranças, que amealhou as estórias que ouviu por onde passou e as divide uma vez por semana com o respeitável público: memórias de noites indormidas, luz de sete-estrêlo, pancada de mar, caminhos e madrugadas, casos aprendidos nas conversas entre vaqueiros e velhas cunhas (...). (DIAS, 1968, p.22)

Milton Dias está para o Ceará, como Rubem Braga está para o Brasil, no que se refere ao gênero crônica. É considerado pela crítica como “um dos mais originais escritores cearenses” (AZEVEDO, 1976, p.486). Quando da sua morte, muitas homenagens ocorreram, dentre elas destaque a da revista *Clã*, na qual participou desde a sua fundação em 1946. A publicação, de número 29, coincidentemente a última edição do periódico, em 1988, quase que exclusivamente foi composta de homenagens a Milton Dias, não se detendo apenas ao seu conteúdo, mas também chamando atenção o projeto gráfico de seu miolo, no qual as letras foram impressas na cor verde e não na preta, como de costume, “talvez pelo sentido que o grupo quis conferir a esse fato: ‘Milton não morreu’” (MORAES, 2004, p.25).

Nos anos de 1970, uma crescente efervescência do cenário literário teve como consequência o surgimento da revista *O Saco* (1976-1977). A importante publicação, organizada pelos escritores Nilto Maciel, Manuel Coelho Raposo, Jackson Sampaio e Carlos Emílio Correia Lima, circulou de abril de 1976 a fevereiro de 1977. No periódico, de pretensa distribuição nacional, aparecem trabalhos de importantes nomes da crônica cearense, como Moreira Campos e Airton Monte, além do já referido Nilto Maciel.

O nome *Saco* tinha sentido amplo ou um sentido de amplitude. No entanto, não se tratava de grupo com pretensões de movimento literário. Nossa intenção era a publicação da revista. Nada de bairrismo, regionalismo, nacionalismo. Nenhum tipo de “ismo”. Não queríamos um grupo, uma igreja, uma coisa regional. Simplesmente um saco onde coubesse tudo ou quase tudo, todas as manifestações culturais e artísticas. Em razão disso, criou-se um caderno de desenhos, poesia visual, crítica literária, jornalismo cultural. (MACIEL, 2010, p.19)

Na década de 1980, Afrânio Coutinho, na primeira edição do seu *Dicionário da Literatura Brasileira* (1981), cita o escritor cearense Airton Monte em sua seleção. Monte é autor de mais de 4.500 crônicas somente no jornal *O Povo* e afirma ser a crônica um gênero de origem nacional, em alusão às tantas transformações que sofreu desde a sua importação da França, no século XIX: “Você sabe que a crônica é essencialmente brasileira, não tem em nenhum país do mundo... Acredito que foi o escritor brasileiro que inventou pra poder sobreviver e garantir o aluguel e a cervejinha das crianças”. (MONTE, 2007, p.70)

Também no início da década de 1980, Ciro Colares, importante jornalista cearense, inicia sua produção cronística para a página “Produção Literária” do caderno dominical de cultura do jornal *O Povo*. No fim da década de 1990 e começo dos anos 2000, Ciro Colares colaborou ainda com o jornal *Diário do Nordeste*, escrevendo crônicas para o “Caderno 3”, aos domingos. Muitas delas seriam publicadas posteriormente em livros. A sua produção literária conta com 17 livros publicados, a maioria coletâneas de crônicas publicadas em jornais, em que se destaca a sua prosa poética sobre o seu amor a Fortaleza, afora as colaborações em antologias. O escritor Moreira Campos também inicia sua produção cronística no jornal *O Povo*, em 1987, onde mantinha, até 1994, ano em que faleceu, a coluna semanal “Porta de Academia”.⁹ Em sua última crônica, publicada em 13 de março daquele ano, declamava seu alubrimento pela Terra da Luz: “Porque Fortaleza já é outra, com a sua modernidade, progresso, floresta de

⁹ CAMPOS, Moreira. *Porta de Academia*. Coordenação de Neuma Cavalcante; organização e notas de Isabel Gouveia Ferreira Lima. Fortaleza: Edições UFC, 2013. Prêmio Secult, 2013.

espigões, edifícios em massa, largas avenidas, novas ruas, asfalto. A cada trecho uma descoberta, um deslumbramento, uma revelação”¹⁰

Nos anos 1990, surge uma nova geração literária no Ceará em que fazia parte o escritor, reconhecido contista, Pedro Salgueiro que viria a publicar seu primeiro livro de crônicas, *Fortaleza Voadora*, somente na década seguinte, em 2007. Neste mesmo ano, passaria a integrar uma nova equipe de cronistas do “Caderno Vida & Arte” do jornal *O Povo*, juntamente com Raymundo Netto, Jorge Pieiro e o atual secretário de cultura do Ceará, Fabiano dos Santos que praticamente nem chegou a participar, pois só escreveu uma única crônica para o periódico. Atualmente, neste novo século, dentre os cronistas de jornais cearenses, destacam-se: Ana Miranda; Audifax Rios; Demitri Túlio; Ronaldo Correia de Brito; Tarcísio Matos; Tércia Montenegro, Raymundo Netto; entre outros mais ocasionais e com participações mais irregulares. Importante mencionar ainda que o escritor Raymundo Netto foi finalista, no ano de 2016, do prêmio *Jabuti*, maior e principal honraria literária nacional, com o seu livro: “Crônicas Absurdas de Segunda” (2015).

Estamos ainda longe de encerrar esse assunto que, como bem percebemos, carece, e muito, de estudos e pesquisadores verdadeiramente engajados em reaver o passado histórico e cultural de nossas letras para o bem do patrimônio literário brasileiro e, por conseguinte, da memória e preservação da Literatura Cearense. Felizmente, acredito ter provocado o tema e o ânimo de sua continuidade em novas pesquisas que certamente virão por estas mesmas mãos ou por aquelas por estas tocadadas.

¹⁰ Trecho publicado, a 5 de janeiro de 2014, no caderno especial “100 anos de Moreira Campos”, do jornal *O Povo*, dedicado ao centenário do escritor.

Referências

- AZEVEDO, Sânzio de. “Cronologia da Literatura Cearense”. In: *Anuário Literário do Ceará* 2010-2011. Fortaleza: Secult, 2010.
- _____. “Margarida Sabóia de Carvalho e a Crônica”. In: *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, 2006.
- _____. **Literatura Cearense**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.
- BARROSO, Antônio G.; MEDEIROS, Aluizio; BEZERRA, João C. “Explicação Dêste Número”. In: revista *Clã*. Edição fac-símile. n. zero; Fortaleza, 1946.
- BÓIA, Wilson. **Antônio Sales e sua época**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1984.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CAMPOS, Moreira. “Porta de Academia”. In: Caderno especial “100 anos de Moreira Campos”, jornal *O Povo*; 5/01/2014.
- CARVALHO, Rodrigues de. **O Ceará Litterario, N’estes ultimos dez annos**. In: *Revista da Academia Cearense de Letras*. Fortaleza, 1899.
- DIAS, Milton. “Eu, pecador da Literatura”. In: revista *Clã*, Edição fac-símile. n. 24, Fortaleza, 1968.
- JUNIOR, Papi. “O Ceará Illustrado”. In: *O Ceará Illustrado*. Fortaleza, ano I, n. 5, 12/06/1894.
- LIMA, Filgueiras. “A Literatura Cearense Depois de 1920”. In: *O Ceará*. 2ª.ed. Fortaleza: Ed. Fortaleza, 1945.
- LINHARES, Mário. **História Literária do Ceará**. Rio de Janeiro. 1948.
- LOPES, João. “Os Quinze Dias”. In: *A Quinzena*. Edição fac-símile. Organização e Supervisão de Cláudio Martins. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1984.

MACIEL, Nilto. "A Literatura Cearense dos anos 60 aos 80." In: *Anuário Literário do Ceará 2010-2011*. Fortaleza: Secult, 2010.

_____. **Contistas do Ceará. D'A Quinzena ao Caos Portátil**. Fortaleza: Impreco, 2008.

MONTE, Airton. In: *A traição das elegantes pelos pobres homens ricos: uma leitura da crítica social em Rubem Braga*. Espírito Santo: Edufes, 2007.

MORAES, Vera Lúcia A. **Trajetórias do Modernismo em Revista**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

MOREL, Rolando P. **Manuel de Oliveira Paiva: Obra Completa**. Rio de Janeiro: Graphia, 1993.

NETTO, Raymundo. "O POVO: 85 anos presente no Ceará III". In: jornal *O Povo*; 20/02/ 2013.

_____. **Centro: o "Coração" Malamado**. Coleção Pajeú. Fortaleza: Secultfor, 2014

PAIVA, Oliveira. "As conferências do Clube Literário". In: *A Quinzena*. Edição fac-símile. Organização e Supervisão de Cláudio Martins. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1984.

QUEIROZ, Rachel de. Prefácio de. SARASATE, Paulo. O Rio Jaguaribe é uma Artéria Aberta. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1968, p.18. In: *O Modernismo na Poesia Cearense. Primeiros Tempos*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2012.

SALES, Antônio. "Os Quinze Dias". In: *O Pão*. Edição fac-símile. Introdução de Sânzio de Azevedo. Fortaleza: Edições UFC/ Academia Cearense de Letras, 1982.

STUDART, Guilherme. **Dicionário BioBibliográfico Cearense**. Edição fac-símile. Fortaleza: Secult, 2012.

TÁVORA, Franklin. **O Cabeleira**. São Paulo: Três, 1973.

UBIRAJARA, Jacy. "Chronica". In: *Jornal do Ceará*, Fortaleza, ano IV, n. 515; 27/03/1907.